

O termo "mercado emergente" é vítima do próprio sucesso

O termo "mercados emergentes" completou 25 anos, e surgiu para definir grandes áreas mundiais que passam por rápidas mudanças econômicas. Dezenas de países se encaixam nesse rótulo, mesmo que estejam se expandindo, no seu próprio ritmo e de maneira às vezes tortuosa, em relação ao desenvolvimento econômico.

Atualmente, quando muitos mercados emergentes mostram sinais de uma forte e crescente população de classe média, os observadores se perguntam se o termo perdeu parte de seu significado. Inicialmente, a expressão se aplicava às economias de rápido crescimento na Ásia, e era usada na Europa Oriental, após a queda do Muro de Berlim. À medida que o interesse global nas economias dirigidas pelo mercado cresceu, os investidores começaram a se voltar para a América Latina em busca de mercados emergentes e, eventualmente, para países como Indonésia, Tailândia, China, Índia e Rússia.

"Quando se começa a colocar tantos países na mesma categoria, o significado perde força", disse Mauro Guillen, professor de administração da Wharton. "Embora Coréia do Sul, Singapura e Taiwan compartilhem certas características, se os colocarmos no mesmo cesto junto com Índia, México, Argentina, Indonésia e Polônia, o termo mercado emergente já não faz mais sentido. O termo "mercado emergente" se tornou uma vítima de seu próprio sucesso."

Nome foi criado em 1981

Antoine W. van Agtmael foi vice-diretor do departamento de mercados de capitais da International Finance Corp.(IFC) do Banco Mundial (Bird), quando cunhou a expressão "mercados emergentes" durante uma conferência de investidores na Tailândia em 1981.

Van Agtmael recorda que, na ocasião, a Tailândia fazia parte de um grupo de outros países pobres conhecidos como "Terceiro Mundo." "As pessoas menosprezavam o chamado 'Terceiro Mundo'. Parecia um termo degradante. Pensei que os que assim raciocinavam, nunca iriam investir", acrescentou. "Vivi na Tailândia, e sabia que era um país melhor do que imaginavam.

Inicialmente, a definição se aplicava para os mercados acionários em países com uma taxa de renda mínima de US\$ 10 mil per capita. Mas as referências numéricas logo desapareceram. O termo passou a ser sinônimo de "economias emergentes", sem depender mais da receita ou de outras medidas.

Philip Nichols, professor de estudos legais e ética comercial na Wharton, alega que uma definição baseada em números é menos significativa do que a compreensão sobre o modo como os negócios são realizados em um determinado país. As economias emergentes, acrescentou, se encontram em lugares que estão mudando de um sistema baseado em relacionamentos informais para um sistema mais formal com regras que são transparentes e equitativas para todos os participantes no mercado. "Costumávamos usar cifras, como de renda e de liquidez de mercado (para definir esses mercados), mas isso foi inútil. Esses tipos de definições não dizem o que realmente está acontecendo."

A Guerra Fria detonou uma revisão global sobre os sistemas financeiros, não apenas na ex-União Soviética, mas em todo o mundo, disse Nichols. As economias planejadas na América Latina não tiveram sucesso, e uma nova geração de líderes chineses lançou reformas econômicas.

Riqueza mal distribuída

Apesar de uma enorme atenção ser dada ao rápido crescimento na Índia e na China, esses dois países ainda não estão de forma alguma aptos a sair do nível emergente, segundo a Wharton e os analistas. Embora Índia e China desfrutem de uma cintilante prosperidade, a riqueza nacional é mal distribuída, e a maioria da população nesses países vive na pobreza. Marshall Meyer, professor da Wharton, diz que muitas cidades chinesas parecem tão

sofisticadas quanto qualquer outra da Europa ou da América do Norte, entretanto as áreas rurais da China permanecem em uma desesperadora situação de miséria.

E os países que ocupam as melhores classificações quanto ao progresso econômico também podem retroceder. Guillen observa que na primeira parte do século XX a Argentina era um dos países mais ricos do mundo. Após décadas de poder e declínio peronista, a Argentina se tornou um alvo, nos anos 90, para as privatizações, mas se desequilibrou na crise financeira de 2001. Para ele, "a Argentina é um dos maiores mistérios."

O Líbano é outro exemplo. Nos anos 60, era considerado a Suíça do Oriente Médio. "Existem muitos exemplos de países africanos que estavam se saindo razoavelmente bem, e depois tiveram problemas", acrescentou Guillen.

Mesmo com suas fraquezas, tais economias são sem dúvida uma alavanca na escalada econômica de muitos outros países, incluindo a maioria na África Subsaariana, América Central, Haiti e República Dominicana, junto a Bangladesh e Mianmar, informou Guillen.

E a Coréia do Sul?

Ao mesmo tempo, alguns países parecem ter-se cristalizado na categoria de emergentes. Guillen aponta para a Coréia do Sul onde a receita per capita é de US\$ 20 mil - bem acima da maioria dos países da A. L., e do Sul e Leste da Ásia. Também a economia transformou o país de uma base altamente industrializada para um forte foco no conhecimento e tecnologia.

"Algo que me intriga é que esses países parecem estar eternamente emergindo", comenta. "Já é hora de considerarmos a Coréia do Sul como uma economia plenamente desenvolvida." Guillen é cauteloso ao enfatizar que não existe uma fórmula específica para a prosperidade. "Cada país começa com uma postura diferente. Se tem sucesso, isso é alcançado de maneiras diferentes também", disse.

Mais de um quarto de século após ter batizado o termo como "mercados emergentes", van Agtmael, atualmente presidente da Emerging Markets Management, em Arlington, Virgínia, que gerencia US\$ 20 bilhões em investimento institucionais, diz ter visto uma mudança tremenda. "Estamos no meio de uma colossal mudança global, direcionada para os mercados emergentes, já que muitos não são mais pobres, e desenvolvem a classe média. O consumidor dos emergentes se torna cada vez mais importante, a infra-estrutura de gastos no momento nesses mercados excede a dos EUA e da Europa, e um grupo cada vez maior de empresas adquire valor mundial."

Os próximos dez anos

Segundo van Agtmael, nos próximo 10 anos haverá mais um bilhão de consumidores nos mercados emergentes, e em 25 anos, as economias desses países irão superar as economias combinadas dos países desenvolvidos.

Nos últimos anos, o Goldman Sachs continuou o jogo dos nomes sobre a economia. Em 2001, a empresa financeira começou a denominar o Brasil, Rússia, Índia e China de países "BRIC", e estimou que, até 2010, contribuiriam com mais de 10% do PIB global. Até 2007, esses países já respondiam por 15%. Então em 2005, o Goldman Sachs lançou outra novidade, o Next Eleven (N-11), identificando assim outro grupo de países populosos com potencial para causar impacto na economia global: Bangladesh, Egito, Indonésia, Irã, Coréia, México, Nigéria, Paquistão, Filipinas, Turquia e Vietnã.

Novos termos lançados

Van Agtmael diz ter ouvido novos termos - "mercados emergentes de renda média" ou "mercados emergentes em crescimento" - lançados para descrever países que saem da mesmice. "Atualmente a maioria dos investidores percebe que se pode ganhar dinheiro nesses países - não apenas com o portfólio do investidor, mas também com importantes empresas.

Hoje o nome tem menos importância do que o fato das pessoas reconhecerem que certas regiões saíram da retaguarda, e se tornam cada vez mais importantes."

Fonte: Gazeta Mercantil, São Paulo, 24 mar. 2008, Internacional, p. A14

A utilização deste artigo é exclusivo para fins educacionais.